

Assistência de enfermagem ao cuidado com crianças autistas: revisão integrativa

Nursing care in the care of autistic children: integrative review

Cuidado de enfermería en el cuidado de niños autistas: revisión integradora

Recebido: 05/05/2023 | Revisado: 17/05/2023 | Aceitado: 18/05/2023 | Publicado: 23/05/2023

Thamires Anjos Vieira

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-0451-5596>

Faculdade São Vicente de Pão de Açúcar, Brasil

E-mail: Tamires2015c.t@outlook.com.br

Manoel Holanda Soares

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2001-4587>

Faculdade São Vicente de Pão de Açúcar, Brasil

E-mail: manoelholanda17@gmail.com

Resumo

Introdução: O presente trabalho tem como tema a assistência de enfermagem ao cuidado com crianças autista, no qual foi proposto discute a importância da enfermagem as crianças com TEA. O autismo é um transtorno de desenvolvimento que envolve geralmente crianças antes dos três anos de idade apontando comportamento repetitivo e restritos sendo algumas características, e o comprometimento do desenvolvimento motor e psiconeurológico, em que dificulta a cognição, comunicação, linguagem e convívio social da criança. **Objetivo:** Descrever a assistência de enfermagem prestada aos cuidados à criança autista. **Metodologia:** O presente estudo utilizou como método a revisão integrativa, uma vez que é o método mais amplo frente aos estudos de revisão bibliográfica, a qual tem como finalidade reunir e resumir o conhecimento científico já produzido sobre o tema investigado entre os anos de 2009 a 2022. **Resultados:** Foi possível encontrar obstáculos que podem compromissar a característica e eficácia da assistência a esse público nos primeiros cuidados, como: a escassez de coordenação da responsabilidade, a falta de tempo e de diretrizes de prática, além do déficit na qualificação para cuidar de crianças autistas, assim como, investimentos na destreza profissional, planejamento e desenvolvimento de protocolos e diretrizes que orientem a prática clínica da atenção. **Conclusão:** Concluiu-se que existe poucas informações sobre o assunto e pouca experiência e reconhecimento dos profissionais de saúde em assistir o autismo. Para isso, há uma grande carência de atualização nos estudos e investigações que contribui no desenvolvimento e ampliação do olhar clínico da assistência de enfermagem com esses pacientes.

Palavras-chave: TEA; Crianças; Assistência de enfermagem.

Abstract

Introduction: The present work has as its theme nursing care for autistic children, in which it was proposed to discuss the importance of nursing children with ASD. Autism is a developmental disorder that usually involves children before the age of three, pointing out repetitive and restricted behavior as some of its characteristics, and the impairment of motor and psychoneurological development, which hinders the child's cognition, communication, language and social interaction. **Objective:** To describe the nursing care provided to autistic children. **Methodology:** The present study used the integrative review as a method, since it is the broadest method compared to bibliographic review studies, which aims to gather and summarize the scientific knowledge already produced on the subject investigated between the years 2009 to 2022. **Results:** It was possible to find obstacles that could compromise the characteristic and effectiveness of assistance to this public in the first care, such as: the lack of coordination of responsibility, the lack of time and practice guidelines, in addition to the deficit in qualification to care of autistic children, as well as investments in professional skill, planning and development of protocols and guidelines that guide the clinical practice of care. **Conclusion:** It was concluded that there is little information on the subject and little experience and recognition of health professionals in assisting autism. For this, there is a great lack of updating in studies and investigations that contribute to the development and expansion of the clinical view of nursing care with these patients.

Keywords: ASD; Children; Nursing assistance.

Resumen

Introducción: El presente trabajo tiene como tema el cuidado de enfermería al niño autista, en el que se propuso discutir la importancia del amamantamiento del niño con TEA. El autismo es un trastorno del desarrollo que suele afectar a niños antes de los tres años, señalando como algunas de sus características la conducta repetitiva y restringida, y el deterioro del desarrollo motor y psiconeurológico, lo que dificulta la cognición, la comunicación, el

lenguaje y la interacción social del niño. Objetivo: Describir los cuidados de enfermería prestados a niños autistas. Metodología: El presente estudio utilizó como método la revisión integradora, ya que es el método más amplio en comparación con los estudios de revisión bibliográfica, que tiene como objetivo reunir y resumir el conocimiento científico ya producido sobre el tema investigado entre los años 2009 a 2022. Resultados: Se fue posible encontrar obstáculos que pudieran comprometer la característica y eficacia de la asistencia a este público en la primera atención, tales como: la falta de coordinación de responsabilidades, la falta de tiempo y de pautas de práctica, además del déficit de calificación para la atención de niños autistas, así como inversiones en capacitación profesional, planificación y desarrollo de protocolos y directrices que orienten la práctica clínica de la atención. Conclusión: Se concluyó que hay poca información sobre el tema y poca experiencia y reconocimiento de los profesionales de la salud en la asistencia al autismo. Por eso, existe una gran falta de actualización en estudios e investigaciones que contribuyan al desarrollo y ampliación de la visión clínica del cuidado de enfermería con estos pacientes.

Palabras clave: TEA; Niños; Asistencia de enfermería.

1. Introdução

Transtorno do Espectro Autista (TEA) ou Autismo é um transtorno de desenvolvimento que afeta geralmente crianças antes dos três anos de idade o comportamento restrito e repetitivo são algumas características, e o comprometimento de todo o desenvolvimento psiconeurológico e motor, dificultando a cognição, comunicação, linguagem e interação social da criança (Oliveira, 2018).

Segundo Oliveira (2018) ainda sua etiologia é desconhecida, no entanto, alguns fatores podem estar incluídos no seu desenvolvimento como influências genéticas, toxinas, vírus, intolerância imunológica, desordens metabólicas, ou falha no desenvolvimento de estruturas e funções cerebrais.

Dessa maneira o Transtorno do Espectro do Autismo interfere crianças com intensidade diferentes no qual pode ser desde quadros mais leves, como a síndrome de Asperger em que não há comprometimento de inteligência e fala, até formas mais graves, onde o paciente se mostra incapaz de manter qualquer tipo de contato interpessoal e é portador de comportamento agressivo e retardo mental (Costa et al., 2017).

As características do transtorno são descritas em tríades de comportamentos muito específicos: interações sociais com deficiências graves, dificuldades críticas na comunicação verbal e não verbal, e ausência de atividades criativas, com a presença de comportamentos repetidos e estereotipados (Dartora et al., 2014).

No entanto, contabilizasse que exista no mundo mais de 70 milhões de pessoas com autismo, referindo-se quatro vezes mais frequente em meninos. No Brasil, apesar da falta de estudos epidemiológicos que possam melhor estimar os dados nacionais, certificou-se que tenham mais de 2 milhões de brasileiros com autismo, alegando 120 a 200 mil abaixo de cinco anos e 400 a 600 mil com idades menores a 20 anos. Sendo assim, vale ressaltar que essas informações não são precisas, pois a prevalência é que 90% das pessoas com TEA não tenham seu quadro diagnosticada. (Falcão, 2017).

Embora que apesar dos crescimentos nas pesquisas biomédicas e genéticas sobre o autismo, são poucos os métodos desenvolvidos para a realização do seu diagnóstico, desse modo é feito por meio de observações clínicas através da anamnese, observação comportamental e testes criados para este meio (Machado, et al., 2016).

Mesmo que com a identificação precoce do diagnóstico tem-se a capacidade de uma intervenção mais imediata, resultando em um melhor e benéfico prognóstico para a criança. Tem se mostrado que, quanto mais cedo à criança for diagnosticada e iniciar o tratamento, maiores serão as chances de seu desenvolvimento dentro de suas capacidades físicas e mentais, incluindo maior aprendizagem na aquisição da linguagem, fluência nos diferentes processos adaptativos e no desenvolvimento da interação social, aumentando sua chance de implantação em diferentes âmbitos sociais (Machado, et al., 2016).

Desse modo a enfermagem tem papel de grande importância com pais e filhos, dando suporte necessário e de maneira correta a essa família, auxiliando-os nos cuidados com a criança e no reforço do autocuidado dela, fornecendo assim informações importantes para um melhor entendimento sobre o transtorno e dando encorajamento aos pais no cuidado com o

seu filho. Assim evitando problemas psicológicos e colaborando para o desenvolvimento do filho e da família (Costa, et al., 2017).

No entanto é fundamental nesse caso, em que o profissional tem medo do desconhecido, estreitar o relacionamento com a família da criança. É necessário que o enfermeiro realize o levantamento de dados precisos, levantar fonte importante para os diagnósticos de enfermagem e prescrever as necessárias intervenções (Dartora et al., 2014).

Neste cenário a equipe de enfermagem pode formular estratégias para promoção de cuidados e orientar as famílias sobre o entendimento do autismo e como criar um vínculo de afeto e cuidados com as crianças, tornando-as mais capazes e independentes. Isso contribui a evitar o cansaço físico e psicológico de pais, que não sabem como lidar com determinados tipos de comportamento dos seus filhos (Pimenta & Amorim, 2021).

Diante disso, surgiu a pergunta norteadora qual a assistência de enfermagem prestada às crianças autista?

Sendo assim a dificuldade do fechamento do diagnóstico por sua vez dificulta os cuidados eficaz e tratamento adequado a sua condição de saúde.

A pesquisa se justifica pela importância de conhecer a assistência de enfermagem executada aos cuidados com a criança autista. A busca de informações se torna necessária ao tema proposto bem como disponibilização da fonte bibliográfica, enfocando as concepções teóricas e finalizando, procurando mostrar que a assistência de enfermagem é de suma importância para um atendimento de qualidade e melhora do quadro clínico da criança autista.

Contudo estimasse que existam 2 milhões de brasileiros com autismo, sendo 120 a 200 mil menores de cinco anos e 400 a 600 mil com idade inferior a 20 anos. Porém, vale ressaltar que esses dados não são precisos, pois a prevalência é que 90% das pessoas com TEA não tenham seu quadro diagnosticada.

É preciso desenvolver um engajamento maior, tanto na enfermagem, como na sociedade sobre conscientização do TEA, olhando com atenção, levando em consideração as diferentes realidades de cada autista e de seus familiares. Por tanto, poderá a ver evolução nas intervenções para melhoria da autonomia do desenvolvimento. Visto que, será de suma importância para saúde mental e física também dos cuidadores.

Neste contexto, o estudo objetiva descrever a assistência de enfermagem prestada nos cuidados à criança autista, como ocorre a assistência dos cuidados de enfermagem prestada às crianças autista, quais os principais problemas enfrentados e estratégias adotadas pela enfermagem nos cuidados a criança autista.

Sendo assim, a assistência de saúde torna-se imprescindível em especial a do enfermeiro, que deve assumir uma postura educativa ao atender o paciente com TEA, ajudando os pais e cuidadores a compreender o diagnóstico, a conhecer práticas para estimulação cognitiva e motora, assim como auxiliar no diagnóstico precoce da criança. Porém, para o tratamento deve-se associar a terapia medicamentosa para o alívio de sintomas com as terapias educacionais, abrangendo a família (Feifer, et al., 2020).

Entretanto para realização de uma assistência com qualidade, torna-se de suma importância o estudo sobre o TEA para enriquecer os conhecimentos dos profissionais da saúde, pois constantemente o profissional pode atender portadores com esse transtorno ou diagnóstico (Feifer, et al., 2020).

2. Metodologia

O presente estudo utilizou como método a revisão integrativa, visto que é o método mais amplo frente aos estudos de revisão bibliográfica, a qual tem como intenção reunir e resumir o conhecimento científico já produzido sobre o tema investigado, ou seja, permite buscar, avaliar e sintetizar os indícios disponíveis para contribuir com o desenvolvimento do conhecimento na temática (Mendes et al., 2008).

Trata-se da etapa inicial de vários tipos de pesquisa, partindo do princípio que é a escolha do assunto, proporcionando

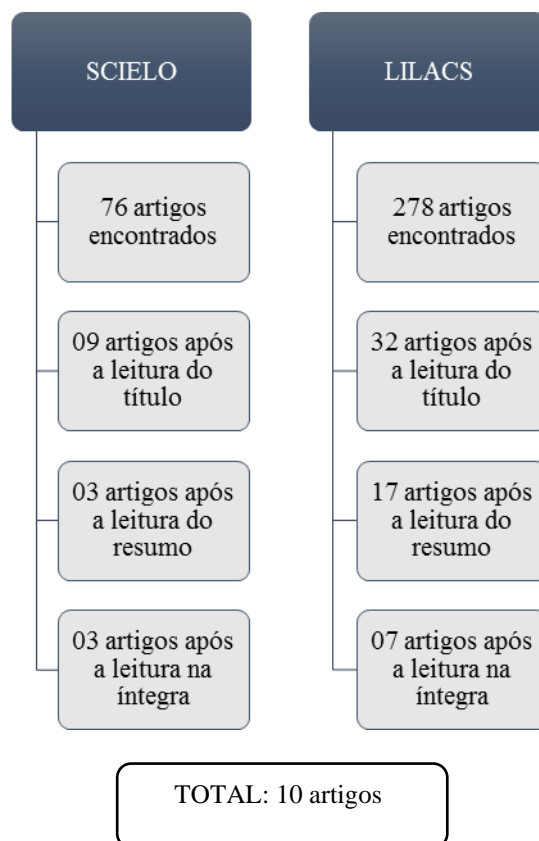
ao pesquisador um leque de informações em materiais já desenvolvidos como livros, artigos científicos (Gil, 2008).

O levantamento bibliográfico iniciou-se em fevereiro de 2022 a janeiro de 2023 nas publicações indexadas das seguintes bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS e BIREME) e na biblioteca eletrônica Scientific Electronic Library Online (SciELO).

Inicialmente, realizou-se uma leitura exploratória do material encontrado que teve por objetivo verificar o quanto as obras interessavam à pesquisa. A seguir, procedeu-se a leitura seletiva para determinar o material que de fato contemplava o objetivo da pesquisa. Após, foi realizada a leitura analítica, que teve por finalidade ordenar e sumarizar as informações para possibilitar a extração de respostas ao problema da pesquisa. Por último, foi feita a leitura interpretativa do material, a fim de relacionar o conhecimento do autor com o problema de pesquisa.

Os critérios para a seleção das amostras foram artigos que se referiam especificamente a esta pesquisa, sem restrições de idiomas, na busca pelos Descritores em Ciência da Saúde (DESCS) através dos descritores e suas combinações, a partir do uso dos operadores booleanos “AND” e “OR”. “tea”, e “crianças”. Estabeleceram-se como critérios de inclusão: artigos na íntegra, nacionais e internacionais, publicados entre 2008 - 2023 que se tratavam do tema desta pesquisa, por se tratar de um estudo atual. E como critério de exclusão: publicações com indisponibilidade de recuperação na íntegra e que esteja fora do ano estabelecido. Foram utilizados também manuais do ministério da saúde, portarias, políticas públicas e entidades ou associações pertinentes ao tema pesquisado.

Figura 1 - Fluxograma da seleção de busca de artigos nas bases de dados.



Fonte: Autores.

3. Resultados e Discussão

Inicialmente foram encontrados, na seguinte ordem de busca, 76 na base SciELO e 278 na base LILACS, totalizando 354 títulos. No entanto, houve títulos repetidos entre as bases. Na LILACS: publicações estavam repetidas em relação à base

SciELO. Portanto, um total de 41 títulos serviu inicialmente de objeto de análise, sendo que foram analisados, num primeiro momento, através da leitura de seus resumos.

Após análises foram obtidos 17 resumos no LILACS e Bireme e 3 no SciELO, totalizando 20 estudos. Por meio da análise do título, resumo e palavras-chave e dos critérios de inclusão, 9 não responderam à temática investigada, não estavam disponíveis na íntegra. Assim, foram selecionados para comporem a análise do presente estudo 10 artigos.

Tabela 1 - Apresenta a relação dos artigos selecionados para a amostra de acordo com a autor/título do artigo, ano de publicação e objetivo do artigo.

Autores	Título do Artigo	Ano	Objetivo do artigo
Corrêa, S. I., Gallina, F., & Schultz, F. L.	Indicadores para triagem do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de puericultura: conhecimento das enfermeiras.	2021	Descrever o conhecimento da enfermeira da Estratégia da Saúde da Família (ESF) sobre indicadores para a triagem do TEA e sua experiência na aplicabilidade prática na consulta de puericultura.
Soelt, B. S., Fernandes, C. I., & Camillo, O. S.	O conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos transtornos autísticos em crianças à luz da teoria do cuidado humano.	2021	Analisar, com base nos princípios abordados na teoria do cuidado humano, o conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos TEA e a abordagem do tema durante a formação profissional.
Mapelli, D. L., et al	Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar.	2018	Conhecer a experiência da família no cuidado da criança com Transtorno do Espectro Autista e discutir possibilidades do cuidado em saúde.
Freitas, F. A. F., et al	Habilidades comunicativas em crianças com transtorno do espectro autista: percepção clínica e familiar	2021	Descrever as habilidades de comunicação de crianças com TEA considerando a perspectiva clínica e familiar.
Montenegro, A. C. A., et al	Contribuições da comunicação alternativa no desenvolvimento da comunicação de criança com transtorno do espectro do autismo.	2020	Promover o desenvolvimento das habilidades de comunicação com o uso da CAA.
Zanon, B.R., Backes, B., & Bosa, A.C.	Diagnóstico do autismo: relação entre fatores contextuais, familiares e da criança	2017	Estender os achados internacionais, investigando a IRD do TEA em crianças brasileiras e a sua relação com variáveis contextuais, familiares e da criança
Monho, P. P., et al	Filhos com transtorno do espectro autista: percepção e vivência das famílias	2021	Analisar a vivência das famílias com filhos com Transtorno do Espectro Autista
Machado, F. P., et al	Respostas parentais aos sinais clássicos de autismo em dois instrumentos de rastreamento.	2016	Analisar as respostas parentais a perguntas que investigam sinais clássicos de autismo, em dois instrumentos diferentes: Questionário de Indicadores de Risco para o Desenvolvimento Infantil (IRDI- -questionário) e Modified Checklist for Autism in Toddlers (M-Chat)
Roza, A. S., & Guimarães, R.K.S.	Empatia Afetiva e Cognitiva no Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma Revisão Integrativa da Literatura	2021	Investigar a empatia, em seus componentes cognitivo e afetivo, em indivíduos com TEA e fatores associados.
Steyer, S., Lamoglia, A., & Bosa, A. C.	A Importância da Avaliação de Programas de Capacitação para Identificação dos Sinais Precoces do Transtorno do Espectro Autista – TEA	2018	Construir uma linha de argumentação sobre a importância de se elaborar programas de capacitação em identificação precoce do TEA em saúde pública, ancorados nos seguintes fatores:(a) Identificação das diferenças de natureza qualitativa no curso do desenvolvimento sociocomunicativo e comportamental de crianças com suspeita de TEA;(b) consideração dos princípios da vigilância do desenvolvimento infantil articulados aos conceitos teóricos desenvolvimentistas e neurodesenvolvimentais e (c) avaliação do programa, com base na aplicação dos princípios de efetividade, no contexto das ciências humanas.

Fonte: Autores.

3.1 Assistência de enfermagem prestada nos cuidados à criança autista e sua família

Compreende-se que o profissional enfermeiro tem como principal ação diante do TEA, o cuidar, tendo assim a atenção focada não só para o autismo, mas também ao que ele representa para a família ou cuidador, principalmente a mãe da criança, o enfermeiro deverá tentar suavizar através do contato com a família o medo do preconceito diante da sociedade e o sentimento de inferioridade perante o transtorno do filho que é visto com preconceito. Muitas vezes os pais de crianças autistas enfrentam na descoberta do transtorno o sofrimento psicológico, onde passam por sentimento de tristeza, culpa e depressão, muitos não acreditam que isso está a acontecer com eles, à criança tão esperada com um transtorno que irá requerer total atenção e cuidado (Barbosa et al., 2020).

Sendo assim o enfermeiro deverá assistir e se conscientizar dos sentimentos enfrentados pela família, mostrando que eles não são culpados pelo transtorno, e que estão expostos a vivenciarem estresse, depressão, culpa e tristeza. Cabe ao profissional criar formas de implementação de melhor cuidado e tratamento da criança autista, encaminhando-os a uma equipe multiprofissional, conseguindo assim melhor assistência de forma humanizada e adquirindo a confiança da família e do autista (Barbosa et al., 2020).

Conforme Oliveira (2018) o desempenho dos enfermeiros frente à criança autista e sua família são essenciais, uma vez que eles têm um papel crucial, na socialização, na aceitação e na orientação e apoio à família.

Tendo em vista que para lidar com crianças com TEA é preciso que haja aceitação e compreensão por parte do profissional em relação a essas crianças, ou seja, a criança precisa demonstrar confiança no enfermeiro, já que, só dessa forma, será possível uma abordagem efetiva. Os enfermeiros precisam admitir que nem todas as crianças com autismo podem ser consideradas como iguais. Sendo dessa forma, é preciso ter muita paciência, não havendo necessidade de se avançar etapas sendo preciso que o tempo de cada um seja respeitado (Fernandes et al., 2018).

Para que o atendimento e tratamento possam ser desenvolvidos satisfatoriamente, é fundamentalmente necessário que o enfermeiro consiga se relacionar com a família, especialmente quando o TEA é uma criança. É preciso entender que em cada caso envolvendo autismo, a preocupação não seja direcionada de forma total à criança que luta contra dificuldades pessoais de desenvolvimento, mas também com os pais, que de maneira geral se sentem culpados, como todos os pais se sentem quando alguma coisa não acontece de acordo com o que almejava. Nessa ação, o enfermeiro participa dos momentos de orientação e apoio aos pais. É importante que a família desenvolva formas recíprocas de carinho, mesmo quando a criança não consegue emitir respostas, tão aguardadas por seus pais (Fernandes et al., 2018).

Dessa maneira é fundamental que o enfermeiro crie um laço entre o indivíduo autista e sua família, demonstrando um olhar cuidadoso, sem preconceitos, e compreendendo as necessidades e os sofrimentos, considerando que na maioria das vezes haverá dificuldades em entender e dar assistência ao autista, cabendo ao enfermeiro criar um cuidado e uma abordagem diferenciada. Por meio da análise comportamental da criança, o enfermeiro pode contribuir no diagnóstico, através das consultas, observar o desenvolvimento da criança e levar informações aos pais quanto aos procedimentos de assistência (Pimenta & Amorim, 2021).

Neste cenário é importante, também, a enfermagem manter as atualizações em conteúdos sobre o tema, elaborar discussões e levar informações para toda equipe, para proporcionar melhores intervenções e cuidados possíveis, estimulando também a família a participar dinamicamente do cuidado. Algumas contribuições que o enfermeiro pode fornecer são na criação de espaços acolhedores e terapêuticos com o objetivo de: auxiliar o paciente a expor o senso de autoestima e autocuidado, ajudar a estimular o relacionamento com outras pessoas, colaborar na inserção social com mais autoconfiança, lembrando sempre de respeitar seus direitos como cidadão e pessoa com deficiência (Pimenta & Amorim, 2021).

Sendo assim, ainda não temos estudos que tratem diretamente sobre a humanização da assistência de enfermagem ao paciente autista, e isso acaba limitando o avanço na assistência. Alega-se que a humanização em saúde é resgatar o respeito à

vida humana, levando em conta as situações sociais, éticas e psíquicas em todo o relacionamento humano, pois deste modo à humanização supõe troca de conhecimentos, diálogo entre os profissionais e maneiras de trabalhar em equipe (Santos, et al., 2019).

3.2 Assistência à criança com autismo, perspectiva de tratamento a ótica da enfermagem

Atualmente, não existe um tratamento específico e eficaz para trabalhar com autistas, pois cada situação exige que o profissional de saúde elabore alternativas para lidar com ela. Portanto, para que o enfermeiro possa lidar com este sujeito portador de Transtorno do Espectro Autista (TEA), ou simplesmente autismo é necessário conhecer seu cliente em suas características e o assisti-lo mediante a suas necessidades (Oliveira, et al., 2018).

Conforme Oliveira et al (2018) cuidar de uma criança com TEA é um desafio enorme para os profissionais de saúde, principalmente para o enfermeiro, que possui função primordial, tanto no atendimento, quanto na instrução à família e ao paciente, visando melhoria na qualidade de vida deles. Nesta linha de pensamento, o cuidar em enfermagem deve considerar cada criança autista única nas suas mais variadas vertentes e ponderar as peculiaridades da criança, sendo atribuição do enfermeiro prestar esclarecimentos à família, assim como estar atento as considerações da família quanto ao desenvolvimento do mesmo, criando assim vínculo e interação, a fim de atingir maior eficácia no tratamento, garantindo assim maior segurança aos pais e à criança.

Existem diversos caminhos para se prestar assistência a indivíduos com TEA, mas as intervenções precisam ser mensuráveis para que possa existir uma avaliação dos resultados conquistados. Porém, a partir do momento que se abre um espaço para avaliar a efetividade do tratamento, se abre também um espaço para o risco de não estar evoluindo positivamente, não trazendo resultados significativos para o indivíduo, e isso nem sempre é fácil, pois pode ser trabalhoso do ponto de vista que será necessário intervir de outras formas (Cardoso, 2018).

O TEA afeta a vida do indivíduo em diferentes áreas e é por isso que a assistência multidisciplinar se faz tão importante. Nesse sentido, prestar um cuidado que envolva diferentes especialidades, tem como ponto de partida a individualidade de cada indivíduo, dar atenção às suas características e necessidades e somente a partir de aí traçar um plano de intervenção. Nesse plano deve conter objetivos realistas a serem alcançados (Cardoso, 2018).

Muito se fala em tratar precocemente e assim atingir melhores resultados, mas a forma mais eficaz para que isso realmente possa ser atingido, é qualificando os profissionais da área da saúde e da educação, para que assim os mesmos estejam mais atentos para identificar características do autismo, bem como para reduzir o estigma do diagnóstico e desta forma iniciar o quanto antes a intervenção adequada (Cardoso, 2018).

O tratamento precisa ser elaborado de acordo com as necessidades e etapas da vida das crianças. O tratamento do TEA tem como preferência a terapia da fala, da interação social/linguagem que pode ser aprimorada por meio das oficinas de brincar, educação específica e suporte familiar. O acolhimento acontece quando a criança com autismo constrói uma relação primordial com o terapeuta é importante que a criança seja escutada e vista, para que, então, possam ser realizadas as construções que deveriam ter acontecido nos primeiros anos de vida (Santos, et al., 2019).

Além disso, todos os profissionais da saúde envolvidos no acompanhamento da criança com autismo é de competência do enfermeiro o papel de perceber aos sinais e sintomas apresentados pelas crianças com suspeita de TEA, pois de todos profissionais envolvidos nesse processo o ele é o primeiro contato e o que passa mais tempo com esse paciente, é ele que desempenha a função de mediador entre a família e outros profissionais da área de saúde, encaminhando-os a uma equipe multiprofissional (Araujo, et al., 2021).

De todo modo, o único tratamento disponível, até o momento, é a terapia multidisciplinar, se possível, reunindo: neurologista, psiquiatra, geneticista e gastroenterologista, fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional, psicólogo, pedagogo,

educadores especializados e outras especialidades, a depender de cada caso, que apesar de determinar alguma melhora, ainda está longe de ser satisfatório, na maioria dos casos. Em geral não se obtém cura, entretanto, alguns autistas de alto funcionamento, se bem conduzidos, seguem com uma vida muito próxima da normalidade, e são altamente funcionais, apesar de certo prejuízo de socialização. Além desses, os familiares têm um papel excepcional, participando como “coautores” do tratamento, acompanhando dia após dia os avanços da criança. O tratamento pode contar com contribuições de terapias de linguagem/comunicação e da “vivência” escolar (Oliveira, et al., 2018).

Conforme Oliveira et al (2018) a intervenção precoce e intensiva traz grandes benefícios para a criança e para a família. As estratégias iniciais visam ensinar à criança a perceber o que está acontecendo à sua volta, ser mais atenta, imitar comportamentos aceitáveis, desenvolver habilidades comunicativas entre outras.

Tendo em vista que o tratamento se baseia em diferentes orientações teóricas, de diferentes níveis de abrangência (terapia individual, psicanalítica, orientação cognitiva, etc.), utilizadas para auxiliar o autista a alcançar um repertório mais funcional, reduzindo os diversos distúrbios de conduta. Vale ressaltar que todas as técnicas possuem o mesmo objetivo, devendo ser utilizada aquela que atenda às necessidades singulares de cada criança (Barbosa & Nunes, 2017).

Sendo assim a utilização de medicamentos, em geral, é importante para controlar algumas características, como a insônia, hiperatividade ou desatenção. No entanto, não existe nenhum fármaco específico para o TEA. O tratamento tem por objetivo auxiliar e estimular a criança para desenvolver a interação com os indivíduos do seu meio, desenvolver a comunicação e o interesse pelo mundo real e estimular o sistema sensorio-motor (Barbosa & Nunes, 2017).

É de suma importância, que o profissional da área de enfermagem tenha o embasamento teórico para a contribuição do cuidado ao paciente com TEA, auxiliando no suporte aos familiares ou cuidadores do paciente, de forma a evitar a sobrecarga emocional, fato esse que dificulta a realização da assistência aos mesmos (Feifer, et al., 2020).

Contudo o enfermeiro deverá promover atividades de interação entre a criança e a família, estimulando o contato por meio de brincadeiras e atividades como a dança que auxilia muito o autista podendo envolver toda a família. Virtude de que, o enfermeiro tem o papel de ser agente de socialização, diante da criança autista, juntamente com a família, com o papel de educador (Araujo, et al., 2021).

3.3 Dificuldades e enfretamentos na garantia de cuidados e assistência de enfermagem a criança autista

Ao longo de muitos anos, as famílias de crianças ou adolescentes que tem uma divergência neurológica lutavam e exigiam pelos direitos de inclusão no meio social e por um tratamento específico e adequado para o comportamento autista presente em seus filhos, que até então não eram atendidos e sim ignorados, excluídos e esquecidos (Taquini, et al., 2022).

Entretanto, o portador de TEA tem a necessidade de acompanhamentos com multiprofissionais adequados a fim de atender os diversos transtornos presentes, como de exemplos o médico de família capacitado a diagnosticar o paciente precocemente e encaminhar a uma instituição própria para esse portador para realização do acompanhamento e reabilitação, o fonoaudiólogo para melhorar e facilitar a comunicação que é afetada gradativamente, o psicólogo para dar apoio e assistência tanto ao paciente quanto à família que passam por processos de dificuldades psicoemocionais, o fisioterapeuta para auxiliar na reabilitação motora, a enfermagem para promover medidas de promoção, prevenção e reabilitação, proporcionando apoio e orientações ao decorrer do tratamento (Taquini, et al., 2022).

No Brasil, os responsáveis que conquistaram a conquista dos direitos fundamentais da pessoa com TEA por meio de uma política específica, foram profissionais de saúde, educação, pais e familiares. A Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, Institui A Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, no qual visa da garantia a pessoa com TEA o direito à vida digna, a integridade física e moral, o livre desenvolvimento da personalidade, a segurança, lazer e a proteção contra qualquer forma de abuso e exploração (Magalhães et al., 2020).

Contudo, são nítidos os prejuízos causados tanto na criança autista quanto em seus familiares quando não são atendidos no momento exato de maneira correta e prévia. Nesse caso, é primordial que aconteça uma execução melhor e coerente desses direitos garantidos e declarados em lei, sendo prioridades os cuidados precisos iniciais e multiprofissionais especializados. É fundamental que o estado, os municípios e as equipes profissionais executem planejamentos coerentes com a finalidade de evitar filas de um longo período de tempo e um acompanhamento ineficaz com o objetivo de obstar prejuízos psíquicos, motora e na comunicação dando-lhe uma qualidade de vida melhor e autonomia em seu dia-a-dia (Taquini, et al., 2022).

3.4 A importância da puericultura na atenção primária em crianças autista

A puericultura é uma importante estratégia de prevenção, no qual, prevê-se um calendário básico de consultas, promovendo a busca ativa dos faltosos com intuito de garantir a qualidade na assistência prestada. O Ministério da Saúde prevê que toda criança passe por, no mínimo, sete consultas de rotina no primeiro ano de vida (na 1ª semana, no 1º mês, 2º mês, 4º mês, 6º mês, 9º mês e 12º mês), além de duas consultas no segundo ano de vida (no 18º e 24º meses) e, a partir do segundo ano de vida, consultas anuais, próximas ao mês do aniversário, podendo ser alteradas de acordo com a necessidade encontrada. Essas faixas etárias são selecionadas porque representam momentos de oferta de imunizações e de orientações de promoção de saúde e prevenção de doenças (Polidoro, et al., 2022).

Na frente da complexidade e desenvolvimento da medicina moderna imposta ao processo de atenção à saúde da criança, a atualização e aprimoramento ao atendimento ambulatorial em puericultura, torna-se essencial para que sejam atingidos os objetivos reais e esperados, visando ao atendimento integral à saúde. A puericultura bem elaborada, torna-se elementar no desenvolvimento adequado das crianças e adolescentes em função das necessidades futuras da vida adulta. Sendo assim, compreender os fatores que impedem o desenvolvimento de uma boa puericultura, como a falta de entendimento por profissionais da saúde, protocolos limitados, consultas inadequadas dentre outros, favorece uma alternativa de intervenção para aumentar a participação efetiva do núcleo familiar e da equipe de saúde da população (Polidoro, et al., 2022).

Desse modo, compreende-se a relevância da atuação da enfermagem da equipe multidisciplinar de atenção à criança, na Estratégia Saúde da Família (ESF), como fundamental para a triagem e identificação dos sinais de autismo precocemente. O profissional de enfermagem, através da avaliação e acompanhamento periódico do crescimento e desenvolvimento da criança nas consultas de puericultura, por meio da Sistematização da Assistência de Enfermagem em ações de proteção, prevenção de agravos e promoção da saúde da criança, precisa realizar, oportunizar e atentar para a triagem de TEA nas crianças brasileiras (Corrêa, Gallina & Schultz, 2021). Neste sentido, segundo a caderneta da criança 2021:

Cabe aos profissionais da Atenção Primária à Saúde a tarefa de identificação de sinais iniciais de alterações no desenvolvimento, durante as consultas de rotina da criança, buscando identificar sinais precoces de desenvolvimento atípico e suspeita de TEA (Caderneta da criança, 2021, P. 55).

Sendo assim a análise da caderneta de saúde da criança é de suma importância para rastreamento do desenvolvimento infantil na atenção primária à saúde e a observar a qualidade do preenchimento, visitas realizadas nas primeiras semanas aos recém-nascidos contribuem para identificação de possíveis alterações que possam implicar diretamente no desenvolvimento infantil e rastreamento do TEA. O conhecimento de enfermeiros sobre o acompanhamento do desenvolvimento infantil por meio da caderneta de saúde da criança é indispensável no atendimento ou atenção à saúde da população em geral, e o seu conhecimento teórico-prático e clínico (Almeida et al., 2021).

No entanto a porta de entrada de uma unidade de saúde é a puericultura, onde o enfermeiro tem um papel imprescindível por acolher, triar e orientar o paciente/acompanhante, avaliando o desenvolvimento físico e mental da criança. Por observar atentamente as ações desempenhadas pela criança, buscando alterações comportamentais através de usos de

instrumentos adequados, tendo em vista que o diagnóstico precoce promove uma melhor eficácia na qualidade de vida para a criança com TEA (Carvalho et al., 2022).

Conforme a Caderneta da Criança (2021) medidas de estimulação, mediante a detecção de ausência de algum marco no desenvolvimento, devem ser tomadas imediatamente pela equipe, um momento que a intervenção precoce e oportuna favorece um melhor desfecho para a criança, independentemente de confirmação diagnóstica posterior. Até o momento, não são conhecidos exames laboratoriais ou marcadores biológicos para identificação do TEA, seu diagnóstico é feito observando o comportamento da criança. Por isso deve-se ficar atento ao desenvolvimento dos filhos. Embora o TEA não tenha cura, o diagnóstico precoce e intervenção oportuna contribui para um melhor desenvolvimento e bem-estar de vida das pessoas com TEA.

Entende-se o diagnóstico precoce do Transtorno do Espectro Autista e o encaminhamento para intervenções comportamentais e educacionais intensivas é possível e imprescindível na mais tenra idade. E após essa detecção, algumas tomadas de decisões podem auxiliar com uma melhor forma de manejo, podendo levar a melhores resultados a longo prazo, investindo na neuroplasticidade do cérebro em idades mais jovens (Polidoro, et al., 2022).

Portanto a enfermagem tem como papel a característica do cuidado, que oferece às pessoas em seus diferentes quadros clínicos, nisso a Teoria do Cuidado Humano é uma ciência que considera a individualidade de cada pessoa na promoção da assistência com qualidade, dignidade e personalizada. No caso do tratamento de criança com autismo, considera-se que para cada uma os transtornos se apresentam manifestam de uma maneira diferente, cabe ao profissional de enfermagem estar preparado com uma visão humanística e identificar as principais queixas de cada paciente (Carvalho et al., 2022).

4. Conclusão

Observou-se que o papel do Enfermeiro no atendimento e seguimento de crianças com TEA é de importante valor, porém, ainda não está totalmente colocado em seu dia a dia, pois há vários fatores complicados que podem somar em seu trabalho junto as equipes multidisciplinares na detecção e análise do tratamento dos pacientes.

A perspicácia dos profissionais sobre o TEA ainda estimula estereótipos. São necessários mais cursos, treinamentos e ampliação de ações que mudem os métodos hoje usados na rede de atenção básica para intervenções mais precisas na assistência de crianças com TEA.

Concluimos que a definição de autismo e a assistência de enfermagem tem direção específica para esse tipo de pesquisa, ainda se apresenta de forma geral, devido as várias formas de explicação/conceituação sobre o tema, não se tem em si uma ideia permanente e puramente clara sobre o que vem a ser o autismo e como o profissional deve atuar diante dessa criança em desenvolvimento afetados. Apesar do vasto roteiro de atuação apresentado no decorrer do documento, a assistência de enfermagem possui muitos espaços de conhecimento e muitos estigmas a serem complementados antes de chegar em definitivo à uma assistência completamente satisfatória.

Diante do exposto no trabalho, sugere-se que esse trabalho possa despertar em futuros pesquisadores o debate de temas voltados para a assistência de enfermagem no contexto da atenção básica direcionada para a criança autista. Sendo assim é importante abordar um respaldo da enfermagem a criança com TEA e o seu cuidador, desenvolvendo habilidades de cuidado integral e de visão holística, desse modo, visando bem-estar do paciente como um todo, que venham a contribuir de forma relevante e agregar mais ao conhecimento atual.

Agradecimentos

Agradecemos a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização e sucesso deste artigo.

Referências

- Almeida, A. T. S. D., Santos, M. B. L., Melo, K. C., Silva, W. C., Rocha, R. M. S., Oliveira, S. A., Farias, S. R., Sousa, K. L. A. O. m Mesquita, E. S., Lima, R. S. C., Sousa, M. R. S., Borges, L. V. A., Pessoa, N. M., Reis, I. R. S. & Soares, A. (2021). Desafios na Utilização da Caderneta de Saúde para o Diagnóstico de Crianças com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*. 10(10), e126101018663.
- Barbosa, M. B. T., Julião, I. H. T. & Sousa, A. K. C. (2020). Atuação dos profissionais enfermeiros no transtorno do espectro autista. *Cogitare enfermagem*.
- Barbosa, P. A. S. & Nunes, C. R. (2017). A Relação Entre O Enfermeiro E A Criança Com Transtorno Do Espectro Do Autismo. *Múltiplos Acessos*. 2(2).
- Caderneta da criança, menina. (2021). *Passaporte cidadania*. Ministério da saúde (3a ed.).
- Cardoso, M. L. (2018). Práticas de cuidado do enfermeiro às crianças com autismo e suas famílias: Uma revisão integrativa. *Lume repositório digital*.
- Carvalho, A. S., Sousa, M. G. D. de., Azevedo, F. H. C. (2022). Assistência Em Enfermagem A Crianças Com Autismo: Revisão Integrativa De 2017 A 2022. *Revista Científica Multidisciplinar*. 3(6), e361523.
- Costa, L. E., Sousa, C. B. C., Abreu, F.P., Cordeiro, J. M. S.S. (2017). Assistência de enfermagem a criança com transtorno do espectro autista: estudo de caso. *Anais III JOIN*
- Dartora, D. D., Franchini, B., & Mendieta, M. D. C. (2014). A equipe de enfermagem e as crianças autistas. *J Nurs Health*. 4(1), 27-38.
- Araújo, C. M., Nascimento, J. S., & Dutra, W. L. (2019). O papel do enfermeiro na assistência à criança autista. *Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde*. 1(3).
- Carvalho, J. C. de S., Ignácio, L. G., & Magri, M. P. de F. (2022). Sistematização da assistência de enfermagem no Transtorno de Espectro Autista: do diagnóstico ao atendimento familiar na puericultura. *Brazilian Journal of Health Review*, 5(5), 21591–21604.
- Feifer, G. P., Souza, T.B., Mesquita, L. F., Ferreira, A. R. O., & Machado, M. F. (2020). Cuidado De Enfermagem A Pacientes Com Transtorno Do Espectro Autista: Revisão De Literatura. *Revista Uningá*. 57(3), 60–70.
- Fernandes, A. F.F., Gallette, K. G. C.G., & Garcia, C. D. (2018). A importância do cuidado de enfermagem diante do paciente com espectro autista. *Revista Terra & Cultura: Cadernos De Ensino E Pesquisa*. 33(65), 33-44.
- Freitas, F. A. F., Montenegro, A. C. A., Fernandes, F. D. M., Delgado, I. C., Almeida, L. N. A., & Alves, G. Â. S. (2021). Habilidades comunicativas de crianças com transtorno do espectro autista: percepção clínica e familiar. *Revista CEFAC*. 23 (4), e1521.
- Machado, F. P., Palladino, R. R. R., Barnabé, L. M. W., & Cunha, M. C. (2016). Respostas parentais aos sinais clássicos de autismo em dois instrumentos de rastreamento. *Audiologia - Pesquisa em Comunicação*. 21, e1659
- Magalhães, J. M., Lima, F. S. V., & Silva, F. R. O. (2020). Assistência de enfermagem a crianças autistas: uma revisão integrativa. *Doente globo*. *Múrcia*. 19(58), 531-559.
- Mapelli, L. D., Barbieri, M. C., Castro, G. V. D. Z. B., Bonelli, M. A., Wernet, M., & Dupas, G. (2018). Criança com transtorno do espectro autista: o cuidado da família. *Escola Anna Nery*. 22.
- Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. C. P., Galvão, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto contexto*. 17(4), 758–64.
- Monhol, P. P., Jastrow, J. M. B., Soares, Y. N., Cunha, N. C. P., Pianissola, M. C., Ribeiro, L. Z., Santos, J. A., & Bezerra, I. M. P. (2021). Filhos com transtorno do espectro autista: percepção e vivência das famílias. *Journal of Human Growth and Development*. 31(2), 224-235.
- Montenegro, A. C. A., Leite, G. A., Franco, N. M., Santos, D., Pereira, J. E. A., & Xavier, I. A. L. N. (2021). Contribuições da comunicação alternativa no desenvolvimento da comunicação de criança com transtorno do espectro do autismo. *Audiology - Communication Research*. 26, e2442.
- Oliveira, H. S. (2018). Atuação do enfermeiro no cuidado à criança com transtorno do espectro autista: revisão integrativa da literatura. *Preserva acessar & difundir*.
- Oliveira, J. E. L. C., Gomes, A. A. P., Cabral, C. D. D., & Silva, S. G. D., (2018). Cuidados de enfermagem à criança portadora de transtorno do espectro autista: uma revisão integrativa. *Anais III CONBRACIS*.
- Pimenta, C. G. S., & Amorim, A. C. S. (2021). Atenção e Cuidado de Enfermagem às Crianças Portadoras do Transtorno do Espectro Autista e seus Familiares. *Ensaio e Ciência*. 25(3), 381-389.
- Pitz, I. S. C., Gallina, F., & Schultz, L. F. (2021). Indicadores para triagem do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de puericultura: conhecimento das enfermeiras. *Revista de APS*. 4(2), 282-295.
- Polidoro, T. C., Serapião, A. G., Abreu, M. A. M. M., Froio, K. C., & Pereira, P. A. T. (2022). A importância da puericultura na atenção primária à saúde e sua correlação com o transtorno do espectro autista: uma revisão integrativa. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*. 11 (12), e598111234857.
- Roza, S. A., & Guimarães, S. R. K. (2021). Empatia Afetiva e Cognitiva no Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma Revisão Integrativa da Literatura. *Revista Brasileira De Educação Especial*. 27, e0028.
- Santos, N. K., Santos, J. A. M., Santos, C. P., & Lima, V. P. (2019). Assistência de enfermagem ao paciente autista. *Revista de Saúde dom Alberto*. 4(1), 17-29.

Soeltl, S. B., Fernandes, I. C., & Camillo, S. O. (2021). O conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos transtornos autísticos em crianças à luz da teoria do cuidado humano. *ABCS Health Sciences*, 46, e021206.

Souza, N. E., Raslan, I. R., Inácio, F. A. R., & Oliveira, B. C. R. C. L. (2021). O papel do pediatra no reconhecimento precoce dos sinais e sintomas do transtorno do espectro autista: revisão de literatura. *Resid Pediatr*. 11(3), 1-6

Steyer, S., Lamoglia, A., & Bosa, C. A. (2018). A Importância da Avaliação de Programas de Capacitação para Identificação dos Sinais Precoces do Transtorno do Espectro Autista – TEA. *Tendências em Psicologia*. 26 (3), 1395–1410.

Zanon, R. B., Backes, B., & Bosa, C. A., (2017). Diagnóstico do autismo: relação entre fatores contextuais, familiares e da criança. *Psicologia: teoria e prática*, 19(1), 152-163.